

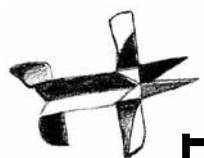


Trindade Leal

moderno fronteiroço
| *modern on frontiers*

José Francisco Alves





Trindade Leal 7

moderno fronteiriço
| *modern on frontiers*

José Francisco Alves

DEZEMBRO | 2024 | DECEMBER

Ponto Arte



Apresentação e agradecimentos

Em princípios de 2017, por idealização e abnegação de Daniel Chaieb, que reuniu um importante acervo de obras de arte e de documentos pessoais do artista Trindade Leal, este projeto iniciou. Convidado a estudar o material para a publicação de um livro, mais uma vez eu estive debruçado sobre a vida obra de um artista histórico, a desenvolver estudos independentes, a exemplo de Amilcar de Castro, Xico Stockinger, Pedro Weingärtner, José Lutzenberger, Nelson Boeira Faedrich e outros que estão por vir, em curadorias e publicações. Cada artista apresenta desafios específicos e surpreendentes e Trindade Leal não foi diferente. Convidamos o leitor nas páginas que seguem a apreciar esta particular produção artística, de itinerário inquieto, com suas especificidades e qualidades nem sempre reconhecidas pelas instituições que deveriam tratar de nossa memória e da divulgação das artes plásticas.

Chegamos aqui, após uma longa jornada, apesar dos sistemas públicos de cultura (seja a ideologia temporária que estiver no poder), que não estimulam as pesquisas que pretendem publicar obras de referência de nossos artistas históricos. O presente livro, assim, mostra que é preciso não

desistir; o fazemos pelas nossas consciências e pela memória de um artista que merece o nosso empenho. Nesse sentido, não tenho como deixar de agradecer a Daniel Chaieb e reconhecer seu trabalho pela valorização das artes plásticas brasileiras, que sem o mercado de arte não tem como profissionalizar-se adequadamente, pois o consumo da arte precisa existir para o desenvolvimento da cultura sem interferências e controle. Agradeço igualmente a Ricardo Orsi, pela sua colaboração cultural e técnica, sem a qual não seria possível a organização da presente obra. Também ao fotógrafo e artista Fernando Zago, profissional que desde a década de 1980 acompanho e de quem tenho tido apoio. Muito antes da ideia do livro, Zago se pôs a documentar o enorme e diversificado acervo de Trindade Leal.

O resultado aqui se dá em razão da paixão pela arte desta enxuta equipe. Consideramos absolutamente necessário ser em forma de livro de arte, de referência sobre o artista, apresentado à sociedade como estímulo para o conhecimento de seu trabalho e para o estudo da vida e da obra de tão relevante artista moderno brasileiro.

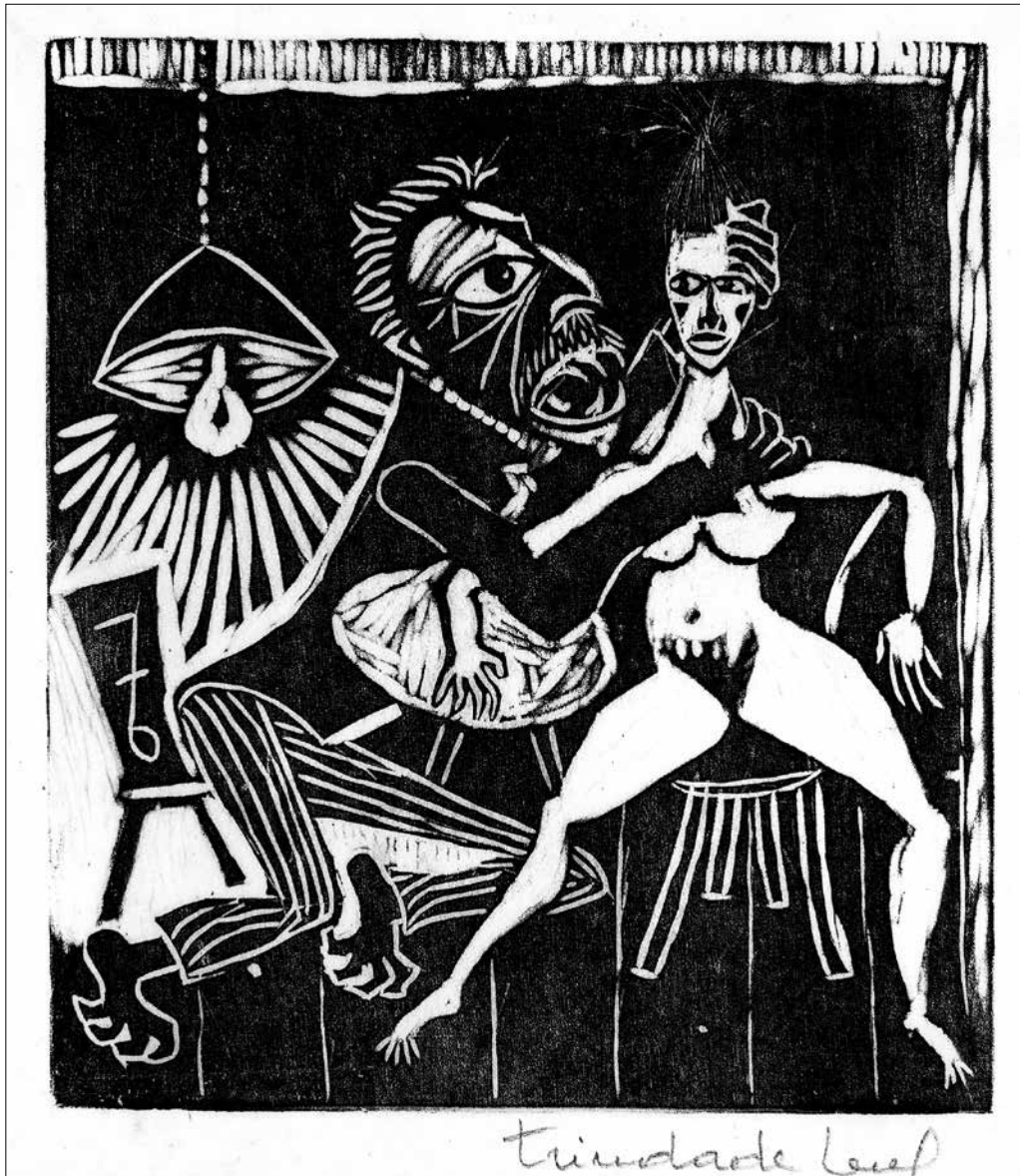
O autor





Gaúchos com violão, 1955
Óleo s/tela, 97,5 x 98cm
Coleção particular

Gauchos with guitars, 1955
Oil on canvas, 97,5 x 98cm
Private collection



Xilogravura da
Série Lobisome, 1957
21,5 x 19cm
Coleção particular

Woodcut from the
Werewolf series, 1957
21,5 x 19cm
Private collection

ITINERÁRIO

11	UM GURI FRONTEIRIÇO, ANDARILHO E INQUIETO
12	SÃO PAULO
14	SALVADOR
15	A DESCIDA RUMO AO SUL / RIO DE JANEIRO
16	SÃO PAULO / PORTO ALEGRE
17	PORTO ALEGRE / FAZENDA OLARIA / PORTO ALEGRE
20	TRINDADE CENÓGRAFO
24	PORTO ALEGRE / FLORIANÓPOLIS
26	FLORIANÓPOLIS / SÃO PAULO
32	"VAGABUNDAGEM ARTÍSTICA" RUMO AO SUL
42	SÃO PAULO / SANTA VITÓRIA DO PALMAR
43	SANTA VITÓRIA DO PALMAR / PORTO ALEGRE
49	PORTO ALEGRE / CRUZ ALTA
51	CADERNO DE OBRAS
134	CENÁRIOS PARA A TV TUPI-SP
136	ENGLISH VERSION
154	ÍNDICE
156	EXPOSIÇÕES DE TRINDADE LEAL
159	FICHA TÉCNICA
160	SOBRE O AUTOR

TRINDADE LEAL

UM GURI FRONTEIRIÇO, ANDARILHO E INQUIETO

Organizar, divulgar e, principalmente, interpretar, desvendar e contextualizar a obra de um determinado artista é uma das tarefas mais importantes e de responsabilidade do historiador de arte. O que resulta desta missão do investigador é um conhecimento a ser avaliado também pela leitura, pelo debate, pela análise do que observou, leu, investigou e concluiu.

Assim, na história da arte de qualquer sociedade a atividade do historiador em identificar lacunas é das mais necessárias. Cabe às instituições – e não ao mercado – o papel de desvendar artistas-chaves, sob investigações, e esta missão se dá principalmente com as retrospectivas e/ou catálogos raisonnés. Porém, no Brasil, com a precariedade institucional habitual, da universidade aos museus, esta missão é das mais difíceis de se lograr. Às vezes, o negociante de arte tem de preencher estes vazios institucionais, como o fez Daniel Wildenstein (1917–2001). A investigação acadêmica em “Ciências” Humanas limita-se hoje quase que totalmente ao universo paralelo do currículo Lattes e à indústria das publicações em PDF; os museus privilegiam a animação cultural em detrimento da pesquisa ao nível dos acervos – uma atribuição também museológica, esquecida ao seu próprio acervo e o conhecimento que ele pode gerar a partir de seu estudo. Sem contar nas dificuldades mais recentes, a ideologização do identitarismo e as imposições woke.

Por isso, no Rio Grande do Sul ainda restam quase todas as produções de seus artistas expoentes a serem responsabilmente desveladas, medidas com visibilidade panorâmica e pontual, suas vidas devidamente biografadas, suas obras inventariadas. No caso de **Trindade Leal**, a investigação sobre sua vida e obra é um desafio e tanto. As dificuldades se deram muito pelo caráter errante que ele teve e pela diminuição – uma quase interrupção total – de suas atividades (produção, exposições), de forma precoce, no início dos anos 1980. Esta falta de sossego em fixar-se, no sentido de que foi um artista nativo do RS que viveu e trabalhou boa parte do seu tempo produtivo em São Paulo, Bahia e Santa Catarina, dificulta a pesquisa para qualquer um.

Estas dificuldades em perceber a produção no tempo e no espaço de Trindade Leal certamente foram também encontradas pela pesquisadora Marilene Pietá, que em seu livro *A Modernidade da Pintura no Rio Grande do Sul* (1995) proporcionou um capítulo ao artista, a mais dedicada referência sobre a obra de Trindade Leal até então. Soma-se a isto o próprio desafio em compreender a dimensão de sua obra, o contexto e o significado de sua produção, suas contribuições mais efetivas, históricas. Trindade Leal foi um fenômeno em si, uma produção que praticamente não encontra paralelo em artistas reconhecidos. Mesmo com tudo isso, é fácil perceber que a maior parte da matéria-prima de sua arte foi sobre temas fincados no Rio Grande do Sul, mais precisamente em suas memórias, fixadas na sua infância.

Para a realização do presente texto, o material analisado em boa parte pertenceu ao próprio artista, que guardou considerável quantidade de recortes de imprensa e arquivou também documentação fotográfica importante. Sobre as reportagens citadas, nem todas dispõem de data completa, sendo que todo o trabalho de pesquisa foi feito em hemerotecas e outros arquivos. Em relação às suas obras, uma análise panorâmica mais completa de sua produção somente foi possível em razão de o artista ter mantido mais de duas mil obras em seu acervo, do final da década de 1940 a 2013.

Geraldo Trindade Leal, filho de Walter Pinheiro Leal e Odylla Trindade, nasceu em 17 de agosto de 1927, em Sant’Ana do Livramento, fronteira do Brasil com o Uruguai, o que por si só é uma experiência diferenciada. Livramento – ou *Santana* como preferem se referir os seus habitantes – é entre as poucas no mundo que colocam em xeque um problema muito atual, as questões de fronteira, pois a cidade é quase uma só, com Rivera, Uruguai, a sua “metade” no país vizinho, e vice-versa. Não há fronteira física aparente, os centros das duas cidades confundem-se, só o mais atento observará os câmbios das placas das lojas ou sinais das ruas. De um país ao outro, apenas ao se atravessar a rua; não há postos de controle, cercas, portões, pontes, muros.¹ No campo fronteiriço da região, na chamada Campanha, não há nada, nem mesmo rios ou arroios. Aqui ou ali, marcos de alvenaria perdidos na vastidão da pradaria assinalam a passagem de um país a outro, de um mundo histórico e cultural a outro.

Hoje, não restou quem saiba até quando precisamente Trindade Leal viveu em Livramento. Mas percebemos que foi tempo suficiente para um convívio em ambiente campeiro, com a familiaridade na lida em fazenda de gado, que foi definitivamente a marca de sua vida, gravada para sempre na memória do menino. Talvez na mesma **Fazenda Olaria** (de familiares de sua mãe), que mais tarde frequentou para produzir arte, tenha se habituado a acompanhar a lida, na qual praticamente formou-se em espírito. Quem sabe, também, esta vivência de fronteiriço tenha colaborado para que o artista tivesse uma visão diferenciada de fronteira cultural para cruzar limites, viver outras culturas e perceber as diferenças e similaridades sem perder a sua origem.

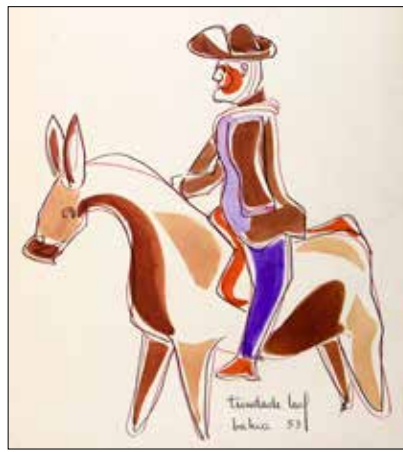
A mãe de Trindade Leal faleceu muito cedo, logo após o parto do irmão, José Carlos Trindade Leal, em 1939. Até quando ele teria permanecido em Livramento? Em entrevista de 1955 ao jornal *Clarim* (Porto Alegre),² consta que em Livramento “sua infância decorreu normal. Estudou primeiramente no Colégio Protásio Alves (hoje Venezuela), depois no Colégio das Dores e Cruzeiro do Sul, nesta capital”. Assim, dá-se a entender que transferiu-se de sua cidade natal para Porto Alegre a fim de dar continuidade aos estudos pri-

¹ Outra experiência similar no Rio Grande do Sul é a divisa de Chui (Brasil) e Chuy (Uruguai), mas estas são localidades bem pequenas. Uma fronteira também aberta, livre, “separada” apenas por uma avenida de cerca de dez quilômetros, sendo quase cinco em área urbana.

² Para o jornal *Clarim*, s/d, agosto de 1955. Uma entrevista de grande espaço e ilustrada com fotografias do artista circulando por Porto Alegre.



Guaches (Estudos da cultura Carajá) | **gouaches**, Salvador, 1953



Guache | **gouache**, 1953
Estudo sobre a cerâmica nordestina



Pintura s/monotipia | **Painting on monotype**, 1953

e coesos que as pinturas a um desavisado podem parecer serigrafias, como nos casos de duas paisagens (uma casa com lago e um casario) e uma cena de seu quarto.

Ao final de sua temporada em São Paulo, viajou ao litoral do Sudeste ao modo que corresponderia hoje a um mochileiro, acampando nos lugares sem destino específico. No estado do Rio de Janeiro, fez uma série de paisagens pois “com algum material de pintura acampou no litoral de Cabo Frio. Pintava, desenhava, nadava e convivia com os pescadores. De lá, tomou um barco e foi dar na Bahia”.¹⁰ Foi assim que partiu mais longe para novas experiências de vida, em uma cultura muito diversa de sua formação de gaúcho da fronteira, ou mesmo de seu convívio na grande metrópole.

Com pouco dinheiro, chegou a Salvador, na mágica Bahia. Após dois dias em hotel foi para a pensão Anjo Azul. Então aconteceu algo bom, quando recebeu o dinheiro do prêmio do II Salão Paulista de Arte Moderna, “pagou a pensão e mudou-se para uma ‘maloca’, no morro do Rio Vermelho”¹¹. Na capital baiana, soube a quem procurar e passou a trabalhar com **Mario Cravo Júnior** (1923–2018), em cujo ateliê do Rio Vermelho utilizou para produzir alguns de seus trabalhos. Em seguida, mudou-se (ou “acampou”, como dizia) para uma escola onde Mario Cravo estava fazendo painéis e trabalhou como assistente.¹²

Muito provavelmente, Trindade Leal tenha conhecido Mario Cravo quando o baiano foi o grande premiado no Salão Paulista do ano anterior. Como ele mesmo relatou, em Salvador também “fez pesquisas sobre cerâmica nordestina, aproveitando a coleção Mario Cravo”.¹³ Lá também manteve contatos com outros artistas, a exemplo de José

Pancetti (1902–1958), Carybé (1911–1997) e Jenner Augusto (1924–2003).

Imerso na cultura da capital baiana, primeira capital do Brasil e cidade de matizes portugueses e africanos, Trindade Leal se pôs a produzir bastante, como observou o jornal *Diário da Bahia*: “Na Bahia, Geraldo tem trabalhado muito, exporá seus últimos quadros nos quais tentou formular em síntese a sua experiência com o ambiente e o material plástico baiano [...]. Óleos, têmperas, desenhos e monotipias”. E com esta produção realizou a sua primeira exposição individual da carreira, inaugurada em 25 de julho de 1953, na Galeria Oxumaré.¹⁴ Seus motivos mais frequentes foram a capoeira, o candomblé, as pescarias do xaréu, as máscaras africanas, a cerâmica nordestina e os ex-votos.

Entre os trabalhos desse período, destaca-se o apurado grafismo e a síntese de representações indígenas, carajás, em guache, feitos a partir de objetos que pertenciam ao acervo de Mario Cravo. Desses trabalhos de observação, também fez séries a partir das cerâmicas nordestinas tradicionais, as representações de bois zebus, vacas, trabalhadores arando a terra, cangaceiros, etc., em guache com nanquim ou somente a nanquim. Mais numerosas foram as monotipias, executadas praticamente todas na prensa do ateliê de Mario Cravo.

É bom lembrar que Trindade Leal chegou a Salvador bem recomendado, também por sua origem. Como gaúcho, fazia lembrar na memória dos soteropolitanos a boa arte sul-rio-grandense, uma vez que ainda retumbava localmente a mostra organizada pela Associação Araújo Porto Alegre (AAPA), em janeiro de 1948. Entre aqueles expositores, Plínio Bernhardt (1927–2004) e Vitério Gheno (1923). No jornal *A Tarde*, em matéria sobre a exposição de Trindade Leal, intitulada “Geraldo Trindade Leal – Os artistas gaúchos e a Bahia” (ago. 1953), o célebre crítico baiano Wilson Rocha lembrou esta mostra da AAPA e também a exposição re-

¹⁰ ^ *A Hora*, 24 de junho de 1956.

¹¹ ^ Idem.

¹² ^ É possível que este painel de Mario Cravo tenha sido um destes (ou ambos): *A Força do Trabalho* (8,20m de largura x 20m de profundidade x 12 m altura), em têmpera sobre madeira, concluído em 1955, na Escola Classe I, ou o painel *Fundo do Mar e Animais Pré-Históricos* (2 x 5m), no acesso à sala de professores, ambos no complexo da célebre Escola Parque (Centro Educacional Carneiro Ribeiro), criada em Salvador em 1950 pelo educador Anísio Teixeira (1900–1971).

¹³ Na mesma entrevista para a revista *Hoje* (1954), Porto Alegre.

¹⁴ ^ A Galeria Oxumaré funcionou de 1951 até cerca de 1961, com exposições de artistas como Aloísio Magalhães, Carybé, Portinari, Rubem Valentim, Inimá de Paula, Mario Cravo Júnior, Yolanda Mohalyi, Pancetti, Goeldi, Flexor, entre outros.

Não tardou e Trindade Leal voltou a participar de eventos importantes em São Paulo, em julho de 1960. A primeira exposição foi a última das coletivas de *Cinco Artistas*²⁷, na Galeria de Arte da Folha, na sede do jornal *Folha de São Paulo*, a completar a exibição dos concorrentes ao Prêmio Leirner de Arte Contemporânea de 1960, para a qual Trindade Leal apresentou 15 xilogravuras,²⁸ de 1957 a, possivelmente, 1959. Na *Folha de São Paulo* de domingo, 31 de julho, constaram várias fotos da abertura, inclusive uma de Trindade Leal em frente à enorme gravura *Gatão* (um imenso gato preto). Os demais expositores, Géza Heller (1902–1992), Arnaldo Ferrari (1906–1974), Francisco Biojone (1931) e Geraldo de Souza. Entre as presenças na abertura da exposição, Hércules Barsotti, Willys de Castro e

²⁷ Alguns periódicos mencionam que na verdade eram cinco indivíduos abrindo simultaneamente. O que seria o mais indicado a divulgar pelas confusas notícias. De Trindade Leal, como mencionado, foram 15 obras (xilogravuras).

²⁸ Esse prêmio, realizado entre 1958 e 1962, foi criado pelo industrial, colecionador e mecenas paulistano Isai Leirner (1903–1962), como forma de valorizar a arte figurativa, que ele julgava havia alguns anos estar preterida em favor da arte abstracionista nas Bienais de São Paulo. Entre os premiados, Francisco Stockinger, Tomie Ohtake, Yolanda Mohalyi, Manabu Mabe, Marcello Grassmann, Arcângelo Ianelli e Aldo Bonadei.

Mário Zanini. José Geraldo Vieira, crítico de artes plásticas da *Folha de São Paulo*, que já conhecia Trindade Leal da individual de desenhos baianos (1954, Galeria Ambiente), observou em seu comentário no jornal que a sua obra versava sobre “temários populistas, de essência ecológica”.

O crítico de artes plásticas do *Estado de São Paulo*, Geraldo Ferraz (1905–1979), foi duro sobre Trindade Leal, conforme evidenciado no título da crítica: “Gravuras demasiado trágicas e narradas”. Seu texto sobre a mostra fixou-se em extensa crítica às obras do artista, se mostrando francamente incomodado por elas. Além disso, classificou-as como “laivo sensacionalista” que ocorreria “com uma frequência de sobressalto, numa série de terror, quase diríamos jornalística, levando em consideração certos foliculários [panfletários] de olho aceso na venda avulsa”. No mês seguinte, em agosto, José Geraldo Vieira voltou a comentar as obras de Trindade Leal na *Folha de São Paulo*, sob um prisma mais positivo: “Trata-se de um figurativo que grava tipos e cenas do grotesco. Os assuntos mantêm-se equidistantes da caricatura e do fantástico, já me referi, mesmo, a temário parecido com o de Alfred Jarry para o Père Ubu (sic)”.

No catálogo, a parte de Trindade Leal trouxe a apresentação de Oswald de Andrade Filho (1914–1972), que mencionou o tipo de impressão ao se verem suas gravuras e a certos

Cenários do artista para a TV Tupi, Canal 4, São Paulo, 1960
 Cenários for Tupi broadcasting TV, Channel 4, São Paulo, 1960



Dorival Caymmi



Elizeth Cardoso



Odete Lara

Galeria de Hillsboro, estado do Oregon, estaria a funcionar como um quartel general das exposições de arte brasileira naquele país. Para o mês de junho já estaria, inclusive, prevista uma grande exposição em Huntsville, Alabama, e que o patrono da mostra seria “o cientista Wernher von Braun, diretor da NASA”. Estariam programadas, ainda conforme a notícia, mostras em várias cidades americanas. A exposição foi realizada e promovida pela Galeria 4 Planetas, que ficava na Rua Nova Barão, 31, e era dirigida pelo artista e professor na FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), João Rossi (1923–2000), com a colaboração de Trindade Leal. Participaram 17 artistas com 34 gravuras, entre eles Aldemir Martins, Graciano, Grassmann, Maria Bonomi e o próprio Trindade Leal, que participou da escolha dos trabalhos para as mostras.

O texto do convite foi escrito pelo crítico José Geraldo Vieira, também publicado em sua coluna na *Folha de São Paulo*, em 12 de maio. Em seu longo ensaio, logo no primeiro parágrafo, o autor mencionou os Clubes de Gravura do Rio Grande do Sul:

Quando determino a ‘presença’ dos ‘gravadores’ de São Paulo não pretendo enquadrar numa pauta ou numa clave uma equipe adstrita a fixar (mediante determinada técnica específica) temários humanos e ecológicos duma região, como teria sido, por exemplo, o intento dos ‘gravadores gaúchos’ ao fundarem o seu clube local. Queria apenas estabelecer um verbete a respeito de duas gerações brasileiras que, aqui neste Estado e principalmente nessa cidade, se empenham artisticamente na tarefa de desenvolver e aperfeiçoar a gravura universal.

Em 20 maio de 1966, foi inaugurada no Museu de Arte de São Paulo (MASP) a retrospectiva de gravuras de Trindade Leal, com cerca de 50 trabalhos. Conforme o jornal *Última Hora*, a exposição era um convite especial do diretor do museu, Pietro Maria Bardi (1900–1999). *Dez anos de Gravura*, ao que parece, incluiu somente xilogravuras, com início desde aquele começo meio sem querer, no qual o artista tinha sido solicitado a fazer o tal abajur. Na *Folha de São Paulo* de 22 de maio foi publicada mais uma entrevista do artista. Já no início, a constatação: “O gaúcho Trindade Leal, que na verdade é mais paulista, tantos os anos que aqui vive”. Na ocasião, Trindade ressaltou que a partir daquela exposição gostaria de retomar exclusivamente a pintura, que havia começado há cerca de vinte anos:

Quero descansar um pouco da gravura. Como sempre pinte em minha vida, acho que agora chegou o momento de voltar a ela novamente. Estou sentindo falta das cores, uma vez que só tenho realizado gravuras em preto e branco. Um dia talvez retorne ao mesmo trabalho.

Além da mostra, sua nova atividade do período era o início das aulas particulares em seu ateliê-residência, que ficava na Rua Capital Federal, São Paulo. Ele, que já tinha experiência em cursos temporários, na Escola de Artes de Campinas e na FAAP. No *Diário de São Paulo*, de 21 de maio, na cobertura da abertura da exposição, constou o

registro fotográfico mostrando o artista com Sonia Flesch e Francisco Stockinger. Xico havia estado em São Paulo para prestigiar a vernissage de seu grande amigo Trindade Leal e também porque estava iniciando o seu contrato de exclusividade (que foi temporário) com a Galeria Mirantes das Artes, de Pietro Maria Bardi, também diretor do MASP. Além de dados biográficos de Trindade Leal, a notícia mencionou a presença na exposição de admiradores e de críticos, e que “seus trabalhos foram bastante apreciados, destacando-se, entre eles, *O Lobisome* e as ilustrações para o livro de Solano Trindade”.

No *Diário de São Paulo* do dia seguinte, na coluna Artes Plásticas, por Quirino da Silva, uma longa apreciação dos trabalhos do artista, em especial pelo caráter da linha em sua

• TRINDADE LEAL •

10 ANOS DE GRAVURA

20 de maio de 1966



MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

gravura: “O desenho fixa os impulsos emocionais e também capta – com intervenção e inteligência – pautado pela disciplina artesanal, o que o artista pretende recriar. Por ele – grafia que já cimenta os primeiros balbucios – é que o artista esboça e depura a linha para precisar a forma ideal”.

Na sequência das repercussões da retrospectiva no MASP, Geraldo Ferraz, em *O Estado de São Paulo*, ressaltou:

Tem muito de teor popular, mas original, dos nossos gravadores sumários e primários do Nordeste. Seu desenho é bem do xilógrafo, suas soluções não se desviam dessa maneira narrativa, expressivamente forte, com que a gravura fala por si mesma, oferece-se à leitura com uma tipografia para ser legível por imagens. No ‘pattern ancestral’ baiano é a camada folclorista que permanece, essa reflexiva imaginária de alusões ao medo primitivo, em que desempenham incisões oníricas bichos fantasmas, o gato, o lobisomem o corujão. Artista que levou tempo a descobrir sua linguagem, Trindade Leal é hoje um dos nomes da xilogravura nacional, não obstante sua especificidade temática e sua qualidade narrativa circunscrita. A atual exposição é bem um balanço de seu trabalho até a ilustração.

Nunca antes
O sonho foi
tão caro
e uma estrelinha
tão distante

Porto Triste
da muralha
de gelo
da estrelinha
distante
da rua
sem sol

Um diálogo:
– *Quê estás lendo, Gelatino?*
– *O Diário do Sol*
– *Quê tal?*
– *É quente*
– *Muita frescura che...*
– *Quê queres Pantaleão?*

Toda poesia é fresca

Suas obras, em acervos, seguiam sendo apreciadas. Em 2 de fevereiro de 1985, iniciou no MARGS a exposição *O Rio Grande do Sul e a Xilogravura*, numa promoção do museu e do Núcleo de Gravura do Rio Grande do Sul, com a participação de Stockinger e mais 31 artistas, entre eles Vasco Prado, Regina Silveira e Trindade Leal. Esta exposição foi organizada paralelamente à mostra intitulada *A Xilogravura na História da Arte Brasileira*, também realizada no MARGS e organizada pela Fundação Nacional de Arte (Funarte, Rio de Janeiro).

Em julho, Trindade Leal teve obra sua na exposição que o MARGS organizou para exibição pelo interior do estado, *O Rio Grande e a Xilogravura*. Naquele mês, a itinerância começou em Santo Ângelo e depois foi para Palmeira das Missões, Gravataí, Caxias do Sul, Cachoeira do Sul, Dom Pedrito, Veranópolis e Bento Gonçalves. Entre os artistas, Vera Chaves Barcellos, Armando Almeida, Regina Silveira e Xico Stockinger. Em setembro, também no MARGS, a participação de trabalho de Trindade Leal na exposição de 27 obras da coleção de Lauro Sturm. Entre outros artistas, Scliar, Iberê Camargo e Léo Dexheimer.

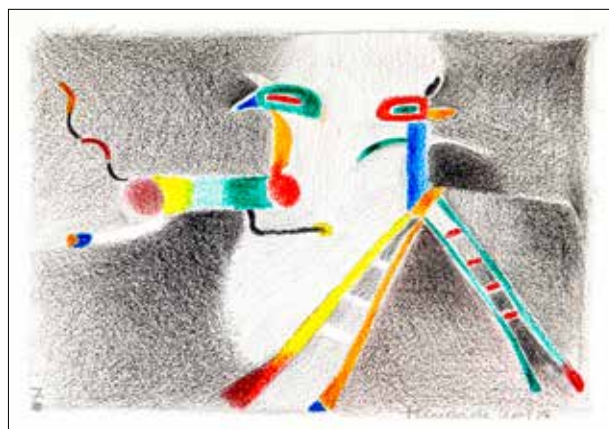
No *Zero Hora* de 14 de setembro, no Caderno Cultura, foi publicado um artigo de página inteira, assinado pela marchande Tina Presser, sobre a exposição em curso em sua galeria (atual Galeria Tina Zappoli), com obras de Trindade Leal, entre os oito artistas gaúchos que iriam fazer parte de uma mostra especial dentro da 18.^a Bienal de São Paulo: *Expressionismo no Brasil: Heranças e Afinidades*, em outubro. Sobre Trindade Leal, Tina escreveu: “Apesar de sua presença inconstante no momento artístico nos últimos anos, estará na Bienal com uma série vigorosa dos



"Para Ana com amor", 1975 | "For Ana with love". Ecoline. Ana, filha do artista | Ecoline. To Ana, the artist's daughter



Óleo sobre tela, 1977 | Oil on canvas



Desenho, 1976 | Drawing



Óleo sobre tela | Oil on canvas, 20 x 36cm, 1950

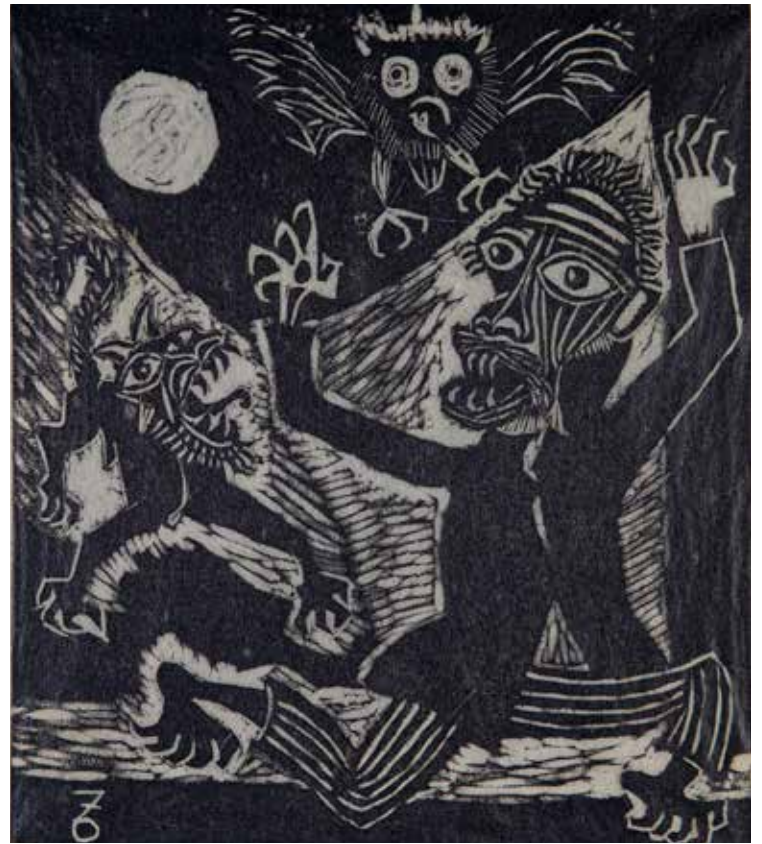


Nanquim sobre papel |
India ink on paper, ca. 1950



Estudo sobre cerâmica Carajá, 1953 | [Study on Carajá ceramics](#). Guache sobre papel | [Gouache on paper](#), 31 x 26cm





Xilogravuras da Série **Lobisome**
| Woodcuts from the *Werewolf series*
21,5 x 19cm, 1957



Antropofagia III | *Anthropophagia III*, 1961
Crayon sobre papel | Crayon on paper, 50,5 x 35cm

Antropofagia VII | *Anthropophagia VII*, 1961
Nanquim e aguada sobre papel
| India Ink and watery on paper
50,5 x 35cm

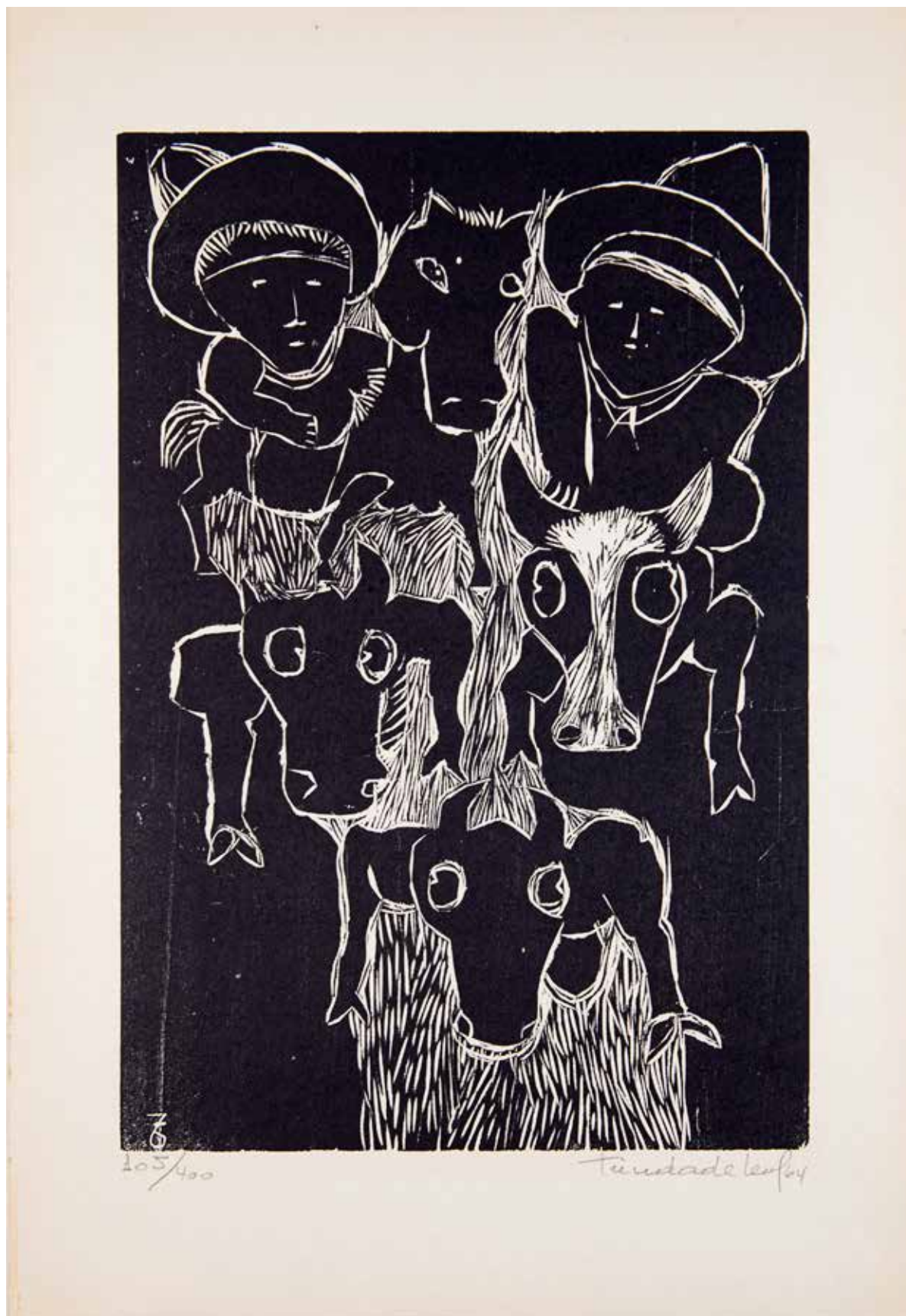




Óleo sobre tela, 1971 | Oil on canvas, 50 x 50cm



Óleo sobre tela, 1977 | Oil on canvas, 30 x 30cm



Xilogravura, 1964. Publicada em álbum editado por Julio Pacelo, em 1965 | [Woodcut, 1964. Published in an album by Julio Pacelo in 1965, 26 x 37 cm](#)

ÍNDICE ONOMÁSTICO | INDEX

Os números se referem às páginas do texto em português e as letras às colunas nas páginas referidas

The numbers refer to the pages of the text in Portuguese and the letters to the columns on those pages.

A

Abdalla, Sandra, 38A
Abramo, Lívio, 31B, 37B, 38B
Almeida, Armando, 44A
Almeida, Dino, 25B
Almeida, Maria Ignez Barros de, 20B
Almeida, Paulo Mendes de, 34A, 39B
Alves, Vida, 7B
Amaral, Antônio Henrique, 30A, 37B, 33B, 39A, 46B
Amaral, Aracy, 30A
Amaral, Joel, 21B, 22B
Andrade Filho, Oswald de, 23A, 26B
Andrade, Farnese de, 16A
Augusto, Jenner, 14B

B

Babinski, Maciej, 23A, 33B
Balbão, Cristina, 19A
Bandeira, Antônio, 16A
Barcellos, Vera Chaves, 33B, 44A
Bardi, Pietro Maria, 36A/B
Barros, Nelson Farias de, 25B
Barsotti, Hércules, 26A
Batti, João Bez, 34A
Becon, Paulo, 41B
Behring, Edith, 33B
Berkowitz, Marc, 15B, 12B, 16A, 27B
Berlinck, Izar do Amaral, 30B, 34A, 38B
Bernhardt, Plínio, 14B, 45B
Bernstein, Leonard, 27A
Bettioli, Zorávia, 33B, 34A
Bianchetti, Glênio, 21B, 22B, 24B, 46B
Bittencourt, Francisco, 15B
Bock, Walter Von, 18A
Boeira, Oscar, 45A
Bonadei, Aldo, 26A, 28A, 29B, 37B
Bonomi, Maria, 32A, 35B, 36A, 37B
Bordeaux-Le Pecq, Andrée, 32B
Borges, Carmen Lúcia Martins, 46B
Botelho, Adir, 31B
Brasil, Orlando, 41A
Braun, Wernher von, 36A
Brentani, Gerda, 33B
Brizola, Leonel, 18B
Brueggemann, Alice, 22B

C

Calage, Eloi, 34A
Câmara, João, 46B
Camargo, Iberê, 12B, 21B, 23A, 28B, 30A/B, 31B, 43A, 44A, 47A, 49A
Campofiorito, Quirino, 27B
Cardoso, Régis, 27B
Cardozo, Joaquim, 23A
Caringi, Antônio, 45A
Carneiro, Flávio, 25B
Carriconde, Claudío, 17B, 21B
Carvalho, Flávio de, 33B, 35B, 37A
Carybé, Hector, 14B
Castañeda, Benito, 12B
Castro, Willys de, 26A
Caymmi, Dorival, 27A
Chagall, Marc, 38B, 41B
Charoux, Lothar, 13, 30A
Chateaubriand, Francisco de Assis, 27B
Chaves, João Luís, 28A
Chiaverini, Miriam, 30A, 36A, 37A
Clark, Lygia, 30A
Clube de Gravura de Porto Alegre, 24B
Coelho, Diná, 39B
Coelho, Neusa Pinheiro, 27B
Cordeiro, Waldemar, 13A
Corona, Fernando, 15A
Costa, Anita, 29B
Cravo Jr., Mário, 13A, 14A/B, 15A, 19A, 49A/B

D

Dacosta, Milton, 13, 33B
Dexheimer, Léo, 44A, 46B, 47A
Di Cavalcanti, Emiliano, 16A, 19A, 23A, 29B, 35B
Dias, Cícero, 45A
Djanira, Djanira da Motta e Silva, 13A, 29B, 33B
Duran, Dolores, 27A

E

Elias, Waldeny, 21B, 45A
Escosteguy, Pedro, 24A
Estrela, Ana Maria Anselmi Pereira, 39B

F

Fagundes, Antônio Augusto, 21A
Faoro, Raymundo, 24A
Farkas, Thomaz, 43A
Ferrari, Arnaldo, 26A
Ferraz, Geraldo, 26B, 30A, 33A, 36B, 39A
Ferreira, Ennio Marques, 25A
Figueiredo, Abelardo, 27B
Fiocca, Anna Maria, 31A
Flesch, Sônia, 36B
Flexor, Samson, 14B, 37B
Flores, Leda, 21B
Flores, Paulo, 5A, 22A, 24B
Flores-Sanchez, Horacio, 30A/B
Fonseca, Joaquim, 23A,
Forster, Walter, 27B
Fukushima, Tikashi, 30B, 35A
Furtado, Manuel, 25A

G

Galbinski, Clara, 20B
Gasparotto, Paulo, 41B
Gerchman, Rubens, 30A
Gershwin, George, 27A
Gheno, Vitório, 14B, 18B
Giorgi, Bruno, 9, 19A, 27B
Goeldi, Oswaldo, 14B, 20A, 38B
Gomes, Saulo Paiva, 12B
Gomide, Geórgia, 27B
Gonçalves, Danúbio, 17B, 28A, 46B
Gontra, Renato Luiz, 35B
Gottlieb, Adolph, 32A
Graciano, Clóvis, 29B, 35B, 36A, 38B
Grassmann, Marcello, 13A, 26A, 27B, 29A, 31B, 33A/B, 34A, 36A, 38B, 45A, 46A/B
Grilo, Rubem, 46B, 47A
Gruber, Mário, 38B
Grupo Quixote, 22A, 24A, 43B
Gruzinski, Hans, 35B
Guadalupe, José, 31A
Gual, Josep, 39A
Guerreiro, Léo, 20A, 21B
Guersoni, Odetto, 34B
Guido, Angelo, 15A

H

Hargesheimer, Mira (Mira Schendel), 12A
Hartmann, Elisabeth, 20B
Heller, Géza, 26A
Herskovits, Anico, 47B
Hofmann, Hugo Laurenz August, 24A
Hofstetter, Gastão, 24B
Hohlfeldt, Antônio, 41B
Horta, Arnaldo Pedroso d', 37A, 39B

I

Ianelli, Arcângelo, 26A, 29B
Ianelli, Thomaz, 28A

J

Jarry, Alfred, 26B

K

Katz, Renina, 30A, 33B, 46A/B
Klee, Paul, 41B, 46A
Kosice, Gyula, 16B
Krajcberg, Frans, 13A, 30A

L

Lara, Odete, 27A
Leal, José Carlos Trindade, 11B
Leal, Rita, 39B
Leal, Walter Pinheiro, 11B
Lebas, Renée, 16B
Lee, Wesley Duke, 13/A, 30A, 45A

1976

INDIVIDUAL. Galeria de Arte do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-RS), Porto Alegre. [2 ago]

1978

INDIVIDUAL. Galeria Paulo Prado, São Paulo. [8 jun.]

1985

Galeria Tina Presser (Tina Zappoli), Porto Alegre. [set.]
A Arte do Imaginário, Galeria Encontro das Artes, São Paulo. [nov.]

1996

INDIVIDUAL. *Desenho – Xilogravura – Pintura* (Projeto Caixa Resgatando a Memória), Galeria da Caixa, Porto Alegre [11 dez.]

INDIVIDUAL. *Desenho – Xilogravura – Pintura* (Projeto Caixa Resgatando a Memória), Bolsa de Arte, Porto Alegre [17 dez.]

1997

INDIVIDUAL. *Desenho – Xilogravura – Pintura* (Projeto Caixa Resgatando a Memória), Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, Passo Fundo. [7 jan.]

INDIVIDUAL. *Projeto Presença*, (Projeto Caixa Resgatando a Memória), MARGS. [7 jan.]

INDIVIDUAL. *Série O Lobisome – Xilogravura* (Projeto Caixa Resgatando a Memória), Museu da Gravura Brasileira, Bagé. [14 fev.]

INDIVIDUAL. *Desenho – Xilogravura – Pintura* (Projeto Caixa Resgatando a Memória), Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Pelotas. [14 mar.]

Aquarelistas brasileiros - Núcleo de Aquarelistas da Faculdade Santa Marcelina (São Paulo), Pannonia Gallery, Sopron, e depois em Budapeste, Hungria.

2013

INDIVIDUAL. Casa da Gravura de Porto Alegre. [20 abr.]

MOSTRAS RELEVANTES COM OBRAS DE COLEÇÕES | **EXHIBITIONS WITH WORKS FROM COLLECTIONS**

1985

O Rio Grande do Sul e a Xilogravura, Núcleo de Gravura do Rio Grande do Sul, MARGS e itinerante pelo interior do Rio Grande do Sul. [2 fev.]

Coleção de Lauro Sturm, MARGS. [set.]

2000

Investigações: A Gravura Brasileira, Itaú Cultural, São Paulo. [nov.]

2004

Impressões – Panorama da Xilogravura Brasileira, Santander Cultural, Porto Alegre. [jan.]

2007

Gráfica Gaúcha – a gravura artística no Rio Grande do Sul 1910-1980, Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, Porto Alegre. [set.]

CENOGRAFIA | SCENOGRAPHY

1956

Peça teatral *O Diabo Cospe Vermelho*; texto de Maria Ignez Barros de Almeida e produção da Sociedade de Teatro Sul. Auditório Tasso Corrêa, IBA, Porto Alegre [13 out.] e Teatro da Maison de France, Rio de Janeiro [fev. 1957].

1960

Cenários de programas (ao vivo), principalmente musicais. TV Tupi – Canal 4, São Paulo.

ENCOMENDAS ESPECIAIS | SPECIAL COMMISSIONS

1956

Painel *Estância*. Coleção particular (hoje acervo MARGS).

1957

Painel *O Júri*. Centro Acadêmico Maurício Cardoso, Faculdade de Direito da PUC-RS.

DOCÊNCIA | TEACHING

1966 / 1970

Cursos particulares de gravura em seu ateliê-residência, na Rua Capital Federal, em São Paulo.

Oficina de Gravura da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), São Paulo.

1971 / 1975

Lecionou gravura no Instituto de Ciências Humanas (futura Faculdade de Comunicação de Mogi das Cruzes), Mogi das Cruzes-SP.

OUTRAS ATIVIDADES | OTHER ACTIVITIES

1954

Membro da diretoria da Associação Rio-grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa (Associação Chico Lisboa), Porto Alegre.

1966

Membro da Comissão de Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, com Flávio de Carvalho, Walter Levy e Paulo Menten.



Trindade Leal - moderno fronteiroço
| [modern on frontiers](#)

Idealização e Coordenação | [Concept and Coordination](#)
Daniel Chaieb

Edição | [Edition](#)
Ponto Arte

Autor | [Author](#)
José Francisco Alves

Fotografias para o livro | [Photographs for the book](#)
Fernando Zago / www.studioz.art.br

Fotografias de época, etc. | [Archival photography, etc.](#)
Acervo de Trindade Leal | [Trindade Leal Archives](#)

Design Gráfico e tratamento de imagens
| [Graphic design and image processing](#)
José Francisco Alves

Tradução para o Inglês | [English Translation](#)
Nick Rands

Agradecimentos especiais | [Special thanks](#)
Ricardo Vieira Orsi

Agradecimentos | [Acknowledgements](#)

Círio Simon
Fernando O. M. O'Donnell
Luis Francisco Wasilewsky
Maria Tereza Medeiros (*in memoriam*)
Marco Aurélio Biermann Pinto
Marcos Fernando Uchôa Leal
Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Rita Estrela Leal

Imagem de capa | [Cover picture](#)

Estância, 1956
Óleo sobre madeira, 109 x 300 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação de
Raul J. M. Machado, 1979
Fotografia: Fabio Del Re & Carlos Stein – VivaFoto

Fizemos o possível para identificar a autoria de fotografias do acervo pessoal de Trindade Leal. Eventuais omissões serão corrigidas em futuras reedições | [We did our best to identify the authorship of photographs from Trindade Leal's personal archives. Any omissions will be corrected in future editions.](#)

Algumas imagens que ilustram o texto não estão em alta definição pois foram captadas de fontes indiretas, como reportagens, sites, publicações e a partir fotografias de baixa qualidade. Os editores optaram em usá-las pela sua relevância histórica na trajetória do artista | [Some of the images that illustrate the text are not in high definition, as they were taken from indirect sources, such as reports, websites, publications and low-quality photographs. The editors have chosen to use them because of their historical relevance to the artist's career.](#)

Livro Editado pela Ponto Arte para a Agência de Leilões e Espaço Cultural | Daniel Chaieb, responsável legal pela publicação.

Promoção e Realização | [Promotion and Realization](#)



Rua Santos Dumont, 1791
São Geraldo, Porto Alegre-RS
Telefone: (51) 30615-017
atendimento@agenciadeleiloes.com.br
Facebook: [AgenciaDeLeiloes](#)
Instagram: [daniel_chaieb](#)

Apoio | [Support](#)



CASA DA MEMÓRIA
DA ARTE BRASILEIRA



Livro financiado sem qualquer tipo de recurso público ou institucional
| [Book funding without any kind of public or institutional resources](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alves, José Francisco
Trindade Leal : moderno fronteiroço / José Francisco Alves. – Porto Alegre: Ponto Arte, 2024.
160 p. : il. color. ; 23 x 28 cm

ISBN 978-65-997262-4-8

1. Artistas plásticos - Brasil - Biografia
2. Desenhos - Arte 3. Leal, Trindade, 1927-2013
4. Pinturas I. Título.

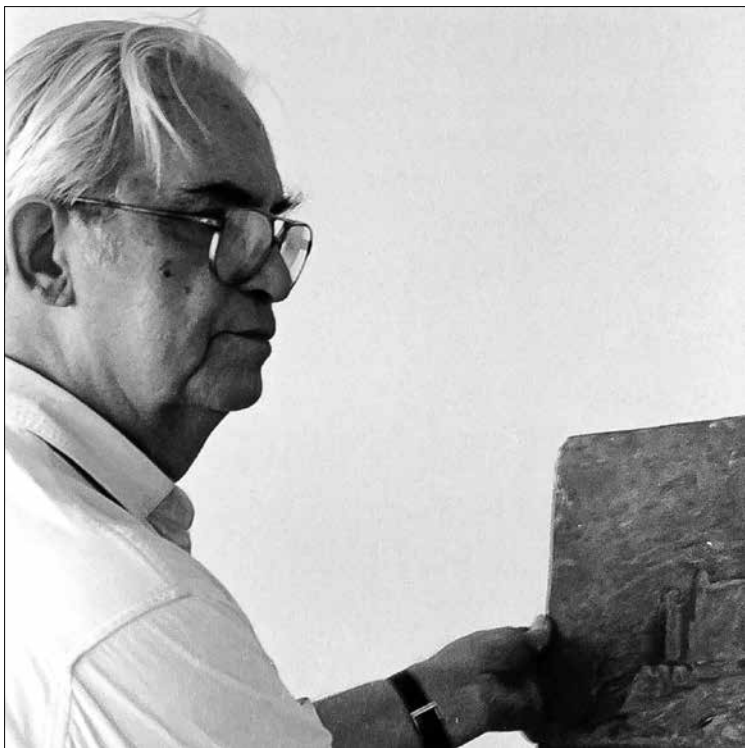
24-240548

CDD – 730.92

Índices para catálogo sistemático :

1. Artistas plásticos : Biografia e obra 730.92
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária – CRB-8/9380





Trindade Leal fotografado por Fernando Zago
| Trindade Leal photographed by Fernando Zago
Chuí-RS, Brasil, 1996

Interessados em adquirir obras de Trindade Leal, podem contatar:
www.danielchaibleiloleiro.com.br

SOBRE O AUTOR

José Francisco Alves (Sananduva-RS, 1964) é Doutor e Mestre em História, Teoria e Crítica de Arte (UFRGS), Especialista em Gestão do Patrimônio Cultural (ULBRA) e Bacharel em Escultura (UFRGS). Autor de inúmeros livros, capítulos de livros, artigos em revistas e em jornais periódicos, em assuntos sobre história da arte, artistas e patrimônio cultural, no Brasil, América do Sul, EUA, França, Espanha e Portugal. Desde 1993, realiza cursos temporários e conferências sobre arte e patrimônio artístico em instituições da América do Sul e Europa. Em 2014, ministrou o primeiro curso de longa duração em Curadoria no Rio Grande do Sul, no Atelier Livre Xico Stockinger.

Membro do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e outros Sítios), ICOM (Conselho Internacional de Museus), AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte), membro pesquisador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) e Investigador Associado do CIEBA – Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (Universidade de Lisboa).

Integra o Comitê Internacional da *On the waterfront*, revista do Observatório de Arte Pública e Projeto Urbano (Universidade de Barcelona), o Conselho Científico Editorial da *Convocarte – Revista de Ciências da Arte*, da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, e representa no Brasil a ASPM (Association pour la Sauvegarde et la Promotion du Patrimoine Métallurgique haute-marnais, Saint-Dizier, França).

Realiza curadorias de exposições individuais e coletivas desde 1990, em instituições museológicas, galerias e espaços públicos e privados. Em 2005, foi Curador-Assistente da 5.ª Bienal do Mercosul, para a qual curou as cinco exposições do homenageado, Amílcar de Castro (1920-2002). Entre 2011 e 2013, foi o primeiro Curador-Chefe do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS). Desde 2000 é professor concursado de Escultura no Atelier Livre Xico Stockinger, onde também ministra cursos de *História da Arte no Rio Grande do Sul* e *Arte e Profissão*.

Para acessar livros, capítulos de livros, artigos e algumas curadorias do autor, ver o site do autor:

www.curador.art

ABOUT THE AUTHOR

José Francisco Alves (Sananduva-RS, Brazil, 1964) holds a Master and a Ph.D. in Art History by the Rio Grande do Sul Federal University (UFRGS). He also holds a Specialist – *lato sensu* diploma – in Cultural Heritage (ULBRA) and a B. F. A. in Sculpture (UFRGS). Mr. Alves has authored numerous books, book chapters, articles in magazines and newspaper's articles, on a variety of subjects of art history and cultural heritage in Brazil as well as artists' monographs, published in South America, the US, France, Spain and Portugal. Since 1993, he has also given lectures and conferences on art and artistic heritage at institutions in South America and Europe. In 2014, he taught the first long-term course in curating at Atelier Livre Xico Stockinger in Rio Grande do Sul state, Brazil.

He is a member of ICOMOS (International Council on Monuments and Other Sites), ICOM (International Council of Museums), AICA (International Association of Art Critics), research member of the Historical and Geographical Institute of Rio Grande do Sul (IHGRGS) and Associate Researcher at CIEBA – Center for Research and Studies in Fine Arts (University of Lisbon).

Mr. Alves is also a member of the International Committee of *On the Waterfront*, the journal of the Observatory of Public Art and Urban Design (University of Barcelona), the Scientific Editorial Board of *Convocarte – Revista de Ciências da Arte*, of the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon, and the representative in Brazil of ASPM (Association pour la Sauvegarde et la Promotion du Patrimoine Métallurgique haute-marnais, Saint-Dizier, France).

He has been curating monographs and group exhibitions since 1990 in public and private institutions. In 2005, he was Assistant Curator of the 5th Mercosul Biennial, for which he curated the five exhibitions of Amílcar de Castro (1920-2002). Between 2011 and 2013, he was the first Chief-Curator of the Rio Grande do Sul Museum of Art (MARGS). Since 2000, he has been a tenured Professor of Sculpture, History of Art in Rio Grande do Sul and Art and Profession at Atelier Livre Xico Stockinger (municipal school of art maintained by the City Government of Porto Alegre).

To have access José Francisco's books, book chapters, articles and curatorial projects, see his website:

www.curador.art



ISBN: 978-65-997262-4-8



9 786599 726248